



## Família-Escola: interferências na aprendizagem<sup>1</sup>

M<sup>ª</sup> Margareth Rodrigues dos Santos<sup>1</sup>

### RESUMO

O objetivo do presente trabalho é refletir as interferências da família e da escola no processo de aprendizagem, especialmente quando o desempenho da criança não corresponde à expectativa da família e à exigência da escola, ocasionando um quadro de ansiedade e desatenção, tendo a compreensão de que tanto a família como a escola têm tarefas complementares, apesar de distintas em seus objetivos, metodologias e espaços de atuação. A família desempenha uma função básica e indispensável para o desenvolvimento e crescimento da criança, pois é nesse espaço que ela constrói suas primeiras experiências de aprendizagem, daí a importância de compreender que crescer é transpor limites. Quando os pais não estabelecem limites ou não proporcionam experiências que favoreçam a autonomia e a liberdade da criança podem comprometer o seu desenvolvimento e influenciar no desempenho da aprendizagem. A escola tem uma função complementar e complexa: atender as necessidades de aprendizagens dos alunos, contribuindo para seu desenvolvimento integral. Para tanto é imprescindível que haja uma relação de cumplicidade com

<sup>1</sup>Pedagoga, Psicopedagoga, Especialista em Administração Educacional, Professora da Faculdade Santo Agostinho.

a família, para que suas ações desenvolvam no aluno conduta que viabilize significar o conhecimento e não mais, apenas, acumulá-lo. Compreendendo que para corresponder as atuais demandas é preciso adotar um novo paradigma educacional. Nesse contexto é importante que a família e a escola estabeleçam um clima que favoreça a auto-estima, a compreensão, a autonomia, a liberdade e o respeito, onde cada membro assuma conscientemente seus papéis.

**PALAVRAS-CHAVE:** Aprendizagem. Família. Escola. Ansiedade. Autonomia. Auto-estima.

### Introdução

A partir de um olhar psicopedagógico, pretende-se mostrar, neste artigo, considerando um estudo de caso, a influência da família e da escola no processo de aprendizagem, quando o desempenho não corresponde à expectativa da família e à exigência da escola, ocasionando um quadro de ansiedade, desatenção, desmotivação e baixa auto-estima.

O estudo de caso é referente à criança N. de 9 anos, estudante da 2ª série do ensino fundamental de uma escola da rede particular da cidade de Teresina-PI, que não se caracterizou como uma dificuldade de aprendizagem, mas uma questão particularizada de desatenção e desmotivação em decorrência da ansiedade instalada devido a não correspondência ao modelo proposto pela família e pela escola.

A família e a escola têm na sociedade atual, tarefas complementares, apesar de distintas em seus objetivos, metodologias e campo de abrangência.

A família desempenha uma função básica e indispensável para o desenvolvimento e crescimento da criança, pois é seu primeiro agente educativo e socializador. Nela, a criança encontra um sistema organizado que a protege, alimenta e dá-lhe o apoio psicológico e afetivo de que necessita para evoluir de modo saudável e poder atuar no contexto exterior. O ambiente familiar exerce um importante papel para determinar se qualquer criança aprende bem ou mal.

A escola, como instituição social, pode ser considerada de forma ampla e, de



acordo com a teoria sistêmica, como um sistema aberto que compartilha funções e que se inter-relaciona com os outros sistemas que integram todo o contexto social. Entre estes, a família é o que adquire o papel mais relevante relacionados à aprendizagem e assim, na atualidade, vemos a escola e a família em inter-relação contínua, mesmo que nem sempre sejam obtidas atuações adequadas, já que muitas vezes, agem mais como sistemas contrapostos do que como sistemas complementares.

Segundo Bassedas (1996) "A escola e a família são dois sistemas que, tradicionalmente, têm estado bastante afastados, apesar de possuírem frequentes relações, seja em nível institucional ou nível individual. Algumas vezes, a escola tem tomado para si, de forma exagerada, o papel de educadora, sem considerar a função educativa que é realizada no ambiente familiar." Com essa atitude deixa de potencializar alternativa que facilitaria o alcance dos objetivos para a aprendizagem, contribuindo assim, para a não correspondência por parte do aluno, à expectativa da família e da escola, à exigência da escola, através de ações conflitantes e desarticuladas.

Nesse contexto é importante destacar a necessidade de fazer valer o ideal, de que a escola deve executar um projeto pedagógico em articulação com a família e juntas possam promover ambientes saudáveis para aprendizagem, já que tanto a escola como a família, como instituições sociais que são, devem preparar as crianças e adolescentes para enfrentar as exigências da sociedade.

Considerando esses fatores externos relacionados à família e à escola, apresenta-se neste trabalho, de forma restrita e não conclusiva alguns recortes sobre a interferência da família e da escola no processo de aprendizagem.

#### **Síntese teórica – Sobre as dificuldades de aprendizagem**

Como é sabido, existem muitas controvérsias acerca do contexto de dificuldades de aprendizagem. Martin e Marchise, (1996) consideram que isso se deve, em grande parte, ao fato de que a população com dificuldades de aprendizagem apresenta-se, em geral, de forma heterogênea. Segundo a definição desses autores, dificuldade de aprendizagem implicaria em qualquer dificuldade observável vivenciada pelo aluno para acompanhar o ritmo de aprendizagem de seus colegas da mesma idade, independentemente do fator determinante da defasagem.

Assim sendo, dentro da categoria dificuldade de aprendizagem podem ser encontrados, mais precisamente, alunos com: problemas situacionais de aprendi-

zagem, apresentando comprometimento em algumas circunstâncias e não em outras; problemas de comportamento, problemas emocionais; problemas de comunicação; problemas físicos; de visão e de audição, dentre outros.

Também não existe concordância entre pesquisadores sobre as possíveis causas das dificuldades de aprendizagem. Estudiosos do tema consideram que são oriundas tanto de fatores internos como externos, compreendendo os fatores internos como aqueles relacionados ao sujeito (a constituição genética de cada ser) e os fatores externos relacionados à escola, à família e ao meio social nos quais o sujeito está inserido.

Como é sabido, existem muitas controvérsias acerca do contexto de dificuldades de aprendizagem. Martin e Marchise, (1996) consideram que isso se deve, em grande parte, ao fato de que a população com dificuldades de aprendizagem apresenta-se, em geral, de forma heterogênea. Segundo a definição desses autores, dificuldade de aprendizagem implicaria em qualquer dificuldade observável vivenciada pelo aluno para acompanhar o ritmo de aprendizagem de seus colegas da mesma idade, independentemente do fator determinante da defasagem.

Assim sendo, dentro da categoria dificuldade de aprendizagem podem ser encontrados, mais precisamente, alunos com: problemas situacionais de aprendizagem, apresentando comprometimento em algumas circunstâncias e não em outras; problemas de comportamento, problemas emocionais; problemas de comunicação; problemas físicos; de visão e de audição, dentre outros.

Também não existe concordância entre pesquisadores sobre as possíveis causas das dificuldades de aprendizagem. Estudiosos do tema consideram que são oriundas tanto de fatores internos como externos, compreendendo os fatores internos como aqueles relacionados ao sujeito (a constituição genética de cada ser) e os fatores externos relacionados à escola, à família e ao meio social nos quais o sujeito está inserido.

Pode-se, assim, perceber que, no que diz respeito às dificuldades de aprendizagem, há controvérsia, não só em termos de definição, mas também no que concerne à etiologia.

Não há dúvida, entretanto, de que as dificuldades de aprendizagem só podem ser entendidas na complexa interação entre os fatores internos (sujeito) e externos (meio), requerendo intervenções tanto no âmbito do aluno e das práticas pedagógicas, quanto em relação à família, dentre outras.

Nessa questão é importante, ainda, considerar diferentes aspectos que se-



gundo Weiss (2003) conceituam-se:

**Aspectos Orgânicos:** relacionados à construção biofisiológica do sujeito que aprende. Alterações nos órgãos sensoriais impedirão ou dificultarão o acesso do conhecimento.

**Aspectos Cognitivos:** estão ligados ao desenvolvimento e funcionamento das estruturas cognitivas em seus diferentes domínios. Inclui nesta área também, aspectos ligados à memória, atenção, antecipação, etc.

**Aspectos Emocionais:** estariam ligados ao desenvolvimento afetivo e sua relação com a construção do conhecimento e a expressão deste através da produção escolar. Remete aos aspectos inconscientes envolvidos no ato de aprender.

**Aspectos Sociais:** estão ligados à perspectiva da sociedade em que estão inseridas a família e a escola.

**Aspectos pedagógicos:** estão relacionados às questões ligadas à metodologia de ensino, à avaliação, à dosagem de informações, à estruturação das turmas, à organização geral, etc.

Analisando esse registro, destaca-se a idéia básica de aprendizagem como um processo de construção que se dá na interação permanente do sujeito com o meio que o cerca. Meio esse expresso inicialmente pela família, depois pelo acréscimo da escola, ambos permeados pela sociedade.

“é importante pensar a aprendizagem como uma condição calcada na dialética entre fatores internos do sujeito (a constituição genética específica de cada ser, aliada ao grau de maturação, ou seja, aos padrões de mudança internamente determinados por um código genético, considerando que ambos criam uma estrutura para o desenvolvimento) e as influências externas – aí incluídas a família, a escola e o meio social no qual o sujeito está inserido”, POLITY (2001).

#### Família no contexto da aprendizagem

Cada família, como uma instituição, possui uma estrutura determinada que se organiza a partir das chamadas interações e comunicações que ocorrem interna e externamente. Sua estrutura forma-se a partir das normas tradicionais da família, que repetem e informam sobre o modo, o momento e com quem deve relacionar-se cada um dos seus membros.

Essas normas regulamentam o funcionamento da família, que tenta mantê-las durante o tempo que for possível. Quando, devido a fatores externos ou internos, ocorrem desvios dessas normas, a família pode opor resistência à mudança por medo de romper seu equilíbrio. Às vezes, essa resistência manifesta-se em um de seus membros, através de um sintoma que tem a função de deter, momentaneamente, a evolução e de garantir as normas já existentes.

Nas crianças esses sintomas podem aparecer de forma sutil e desencadear de modo diferenciado problemas que muitas vezes só são percebidos no processo de escolarização, a partir das dificuldades de aprendizagem apresentadas, em grande parte tendo como causa problemas emocionais. Nesse contexto, é importante a família ter consciência do papel formador e oportunizar a seus filhos situações que eles possam ter, a consciência de sua aceitação e de seus deveres.

Estudos têm demonstrado que um ambiente estimulante e encorajador na família produz alunos motivados e dispostos a aprender. Segundo Smith (2001) "as crianças que recebem um incentivo carinhoso durante toda a vida tendem a ter atitudes positivas, tanto sobre a aprendizagem quanto sobre si mesmo". A consciência de ser capaz ajuda a criança a enfrentar os desafios e superar os obstáculos.

O psicólogo Erik Erikson (SMITH, 2001) acreditava que as atitudes das crianças sobre si mesmas e sobre o mundo a sua volta dependiam amplamente de como são tratadas pelos adultos enquanto crescem. Ele considerava necessário as famílias contribuírem para que as crianças tenham confiança, autonomia, iniciativa, produção e identidade.

É em família que uma criança constrói suas primeiras aprendizagens, pois é nas relações familiares que a criança estabelece os primeiros vínculos com a aprendizagem e é dessa relação que formará o seu estilo de aprender.

Nenhuma criança nasce sabendo o que é bom ou ruim, e muito menos, do que gosta e do que não gosta. Uma das tarefas da família em relação às crianças é construir uma consciência moral, pautada em uma lógica socialmente aceita, para que quando esta criança tiver que decidir, saiba como e porque está tomando determinados caminhos ou decisões.

Nas últimas décadas vem-se observando que a família está perdendo sua capacidade de oferecer a socialização primeira e os conhecimentos práticos e afetivos que estariam implícitos nesse convívio. Isso se deve por diferentes razões, entre estas: a forma de organização familiar, as relações sócio-afetivas e



questões socioeconômicas. Essas questões acabam tendo reflexos na aprendizagem, na socialização e no desenvolvimento da criança como um todo.

Na família, estão integradas as necessidades de todos os seus componentes que se diferenciam de um indivíduo para o outro e necessitam ser compreendidos, para a manutenção de sua unidade, condição necessária para proporcionar apoio afetivo e emocional a seus membros, especialmente às crianças e adolescentes.

O estresse emocional também compromete a capacidade das crianças para aprender. A ansiedade em relação às condições sócio-econômicas, a discórdia familiar e a expectativa da família em relação a sua capacidade, é prejudicial e pode comprometer o sucesso escolar.

O estado emocional das crianças de certa forma está relacionado a sua auto-estima, sentimento que é aprendido e desenvolvido ao longo e sua vida. O tipo de educação que recebe na família determinará a forma como esta se relacionará com o mundo e seus fenômenos.

Educar, segundo Parolin (2003) "é promover situações em que as crianças possam ir adentrando ao universo dos sentimentos, das idéias, da razão, das situações". Uma criança, para crescer e construir o seu saber, necessita transpor alguns limites que lhe prendem e impedem de crescer, e respeitar alguns limites que lhe permitem continuar se desenvolvendo.

É comum que pais tenham expectativas quanto ao desempenho da criança e, à medida que ela não corresponde ao que foi idealizado por eles, manifestam, muitas vezes, de forma enfática, o seu descontentamento. "Tentar enquadrar os filhos no modelo idealizado, além de ser um profundo desrespeito pelo outro, é também, despotencializar a criança". (PAROLIN, 2003).

Por outro lado, é também prejudicial para o processo de aprendizagem os pais que tudo fazem para seus filhos e tudo permitem.

Na primeira situação, os pais contribuem para que a criança não tenha iniciativa, não perceba suas capacidades e não tenha autonomia, e conseqüentemente, desenvolva um sentimento de baixa auto-estima. Portanto, é importante que à medida que a criança demonstre maturidade, os pais transfiram responsabilidades para ela no tempo adequado, para que esta vá desenvolvendo e amadurecendo o seu papel na família e, por extensão, na sociedade.

Enquanto que na segunda, muitos deles não oportunizam determinadas experiências a seus filhos na tentativa de poupá-los da frustração e do contato com o insucesso, no entanto, esquecem que experimentar é o caminho do

amadurecimento e da competência. Quando os pais não dão limites necessários, as crianças tendem a desenvolver comportamentos inseguros e inadequados. Daí a importância de deixar claro o que é possível ou não, pois é tarefa dos pais estabelecer limites a seus filhos.

Procurando compreender a família no contexto da aprendizagem, entende-se que não há um padrão de funcionamento familiar, mas existem cuidados que os pais podem ter para garantir a auto-estima em seus filhos. A superproteção traz, em si, o recado implícito de que a criança não é capaz; a ausência de elogios não estimula a criança a continuar testando, os elogios exagerados e infundados podem gerar ansiedade e medo de não conseguir corresponder.

Neste sentido considera-se importante refletir que, "Enquanto o excesso de mimo significa apagar os limites a serem transpostos, passando a idéia de que nada lhe resiste, a humilhação significa reforçar esses limites, transformá-los em altas muralhas transponíveis" (TAILLE, 2000).

### **Escola - Instituição potencializadora de aprendizagem e fonte de conflitos**

A escola é uma instituição potencialmente socializadora. Antigamente, a tarefa de construir valores e comportamentos era exclusivamente da família. Hoje, a escola é tida como uma extensão da família e abre espaço para que os sujeitos construam novos conhecimentos.

Nessa instituição, o mundo do conhecimento e da informação mistura-se na esfera dos sentimentos, das emoções e da intuição, ou seja, o mundo objetivo e subjetivo misturam-se. É emoção e razão que se fundem em busca do conhecimento.

Para tanto, a escola tem uma missão complexa: atender as necessidades de aprendizagens dos alunos, contribuindo para o seu desenvolvimento integral. É importante desenvolver no aluno uma conduta própria que viabiliza significar o conhecimento e não mais, apenas, acumulá-lo. Ao ensinar uma criança ou um adolescente, a escola deve promover situações em que se desenvolvam valores, idéias e comportamentos fundamentados nos direitos e deveres que promovam a realização do sujeito e a solidariedade.

Para que os objetivos se cumpram, é necessário que haja uma filosofia baseada nos princípios democráticos e igualitários, não apenas para sua realização





acadêmica, mas com ênfase no desenvolvimento integral do aluno, onde os aspectos sociais, emocionais e de responsabilidade pessoal e coletiva sejam considerados.

Considerando o tamanho do desafio, é necessário compreender que o modelo de aprendizagem que embasa as necessidades da atualidade não é mais o modelo tradicional que acredita que o aluno deverá receber informações prontas e ter, como única tarefa, repeti-las. A verdadeira aprendizagem acontece quando o aluno é considerado com todos os seus saberes e condições do meio que está inserido. "A verdadeira aprendizagem se dá quando o aluno (re) constrói o conhecimento e forma conceitos sólidos sobre o mundo, o que vai possibilitá-lo agir e reagir diante da realidade." (SANTOS, 2004).

A proposta pedagógica da escola (entendida como a própria escola em movimento, construindo, no dia-a-dia, seu trabalho educativo, especialmente a dinâmica dos fazeres pedagógicos) deve garantir a construção dos conhecimentos básicos, e simultaneamente provocar o compromisso social através do desenvolvimento da cidadania e da construção ou reconstrução do conhecimento.

Esse compromisso alerta para as novas demandas que a escola deve hoje incorporar: a tarefa de formação do sujeito. Não se atendo somente ao núcleo básico do desenvolvimento cognitivo, mas também ao da personalidade, da afetividade e da sociabilidade.

Mas, para que a escola possa estar apta a corresponder a estas novas expectativas é necessário que ela adote outro paradigma educacional, diferente da postura tradicional onde o sujeito recebe os ensinamentos da escola, independente de seus interesses.

Quando a escola não atende às necessidades básicas dos alunos, a aprendizagem fica comprometida, e ela deixa de contribuir com o desenvolvimento do aluno, e passa a gerar conflitos que contribuem para as dificuldades de aprendizagem, tais como: ansiedade, insegurança, medo, desmotivação e baixa auto-estima.

Muitos são os fatores que contribuem para desencadear a instalação dos conflitos dentro da escola: uniformidade de expectativa, currículos rígidos, indiferença do professor etc.

Assim, a escola precisa ser organizada em função da melhor possibilidade de ensino e ser permanentemente questionada para que seus conflitos, não resolvidos, não apareçam nas salas de aula sob a forma de distorções do próprio ensino. Nessas situações fica o aluno como depositário desses conflitos e, con-

seqüentemente, apresenta distorções no seu processo de aprendizagem.

Outras falhas escolares estão na qualidade e na dosagem de informações a serem transmitidas e na cobrança ou avaliação da aprendizagem. Tais situações, se mal conduzidas, são também geradoras de ansiedade para o aluno e dificultam a aprendizagem.

Essas questões ligadas à escola muitas vezes são atribuídas ao aluno, como se fossem fatores internos seus, quando, de fato são fatores externos relacionados à escola.

“Do ponto de vista construtivista da evolução e da aprendizagem dos seres humanos, defende-se que o indivíduo participa ativamente na construção da realidade que conhece e que cada modificação ou avanço que realiza no seu desenvolvimento pressupõe uma mudança na estrutura e organização do seu conhecimento”(SOLÉ, 2001). De acordo com esse ponto de vista, quando uma pessoa enfrenta algumas situações específicas, a sua resposta, reação ou aprendizagem dependerá, obviamente, das características dessa situação, mas será determinada também, em grande parte, pelas suas características pessoais e pela organização dos seus conhecimentos, sem desprezar as influências do meio.

### O caso

O Caso estudado refere-se à aluna N. de nove anos, matriculada na 2ª série em uma escola da rede particular de ensino do município de Teresina.

Foi encaminhada por uma psicóloga da instituição de ensino para realização de avaliação psicopedagógica, a partir da iniciativa da mãe em procurá-la, pois estava preocupada com o “baixo” desempenho escolar da filha, portanto gostaria de saber quais as dificuldades de aprendizagem que ela poderia estar vivenciando.

Como todo procedimento psicopedagógico, a partir de encontros com a família (mãe) realizou-se a anamnese, na busca de dados significativos sobre a história de vida da aprendente. Da análise de conteúdo obteve-se o levantamento de hipóteses sobre a possível etiologia do caso.

A família: N. pertence a uma família de classe média alta, constituída do pai, da mãe e dois irmãos mais jovens. O pai trabalha como representante interpretação com detalhes e coerência ao texto; nos aspectos de psicomotricidade dominância de lateralidade, conhecimento e compreensão corporal, equilíbrio estático e dinâmico e postura corporal adequada. Quanto à



percepção visual, N. faz análise e síntese, demonstrando boa percepção. Em relação ao espaço temporal compreende e situa-se adequadamente. Nos jogos, participa com empolgação, compreende e cumpre regras, participa com competitividade, aceita desafios – assimila, correspondendo a todas as expectativas, adequadas a sua faixa etária. Nos aspectos emocionais tem referência positiva da família, afetuosidade, introversão, sentimento de menos-valia, baixa-estima e insegurança. Sempre que solicitada a fazer uma atividade, acha que não vai conseguir, quando motivada, esforça-se e realiza de modo satisfatório.

Contudo observou-se que os resultados obtidos, abaixo da média, em algumas avaliações da aprendizagem escolar, aconteceram não por dificuldade de aprender, mas por falta de atenção, talvez pelo estado de ansiedade, decorrente da postura e expectativa da família e o nível de exigência da escola.

#### **Orientações / encaminhamentos**

- Orientação familiar
  - Acompanhamento das tarefas escolares por outra pessoa, provisoriamente, que não seja a mãe, com retirada gradativa;
  - Destaque aos sucessos, valorização dos acertos;
  - Flexionamento dos horários de tarefas escolares ("para casa");
  - Tolerância com o ritmo de desenvolvimento de N.
- Contato com a Escola, para analisar a questão da ansiedade, de modo a favorecer a relação professor x aluno.
- Intervenção psicopedagógica para trabalhar a questão da concentração e atenção e despertar o gosto pela aprendizagem. Caso seja necessário, posteriormente, submetê-la a uma avaliação psicológica para analisar as questões emocionais.

Após a devolutiva para a mãe com as orientações acima registradas, procedeu-se a intervenção psicopedagógica, no período de março a maio de 2004, considerando as necessidades da aprendente, com foco na atenção e concentração e nos aspectos emocionais com vistas a elevação da auto-estima e o resgate do gosto pela aprendizagem.

Nesse período não foram identificados outros indicadores além dos já registrados na avaliação psicopedagógica que tenham interferido no desempenho escolar de N.

Neste sentido, considerando que as questões emocionais possam estar contribuindo para o estado de ansiedade e acomodação, bem como a falta de atenção e concentração, recomendou-se avaliação psicológica.

### Considerações Finais

Frente aos novos desafios do contexto sócio-histórico em que estamos inseridos, é importante que a relação família-escola seja instalada com cumplicidade, respeitando às particularidades que diferenciam uma da outra e, assim, possam juntas desenvolver sua missão de ensinar educando.

“Educar é dar subsídios para que as crianças possam transpor limites, ou, ao contrário, que elas possam reconhecer o limite que não podem transpor.” (PAROLIN, 2004). Aos pais e educadores é reservada a tarefa de dar o suporte emocional e cognitivo para que as crianças desenvolvam-se integralmente.

No desafio da família de educar os filhos é, também, importante compreender que a criança que não assume suas tarefas de cuidados pessoais, geralmente por ter quem faça por ela, fica dependente e acomodada.

A escola, no papel complementar de favorecer aprendizagem significativa, deve ampliar as discussões para corresponder uma das atuais exigências da sociedade, que é garantir um ambiente acolhedor, onde o aluno possa ser sujeito de sua aprendizagem respeitando suas particularidades.

Portanto, é indispensável que a família e a escola estabeleçam um clima que favoreça a confiança, a compreensão, a autonomia, a liberdade e o respeito, onde cada membro assuma conscientemente seu papel. E, assim, possa a escola e a família educar para que a criança ou o adolescente, de posse de seus instrumentos sociais, possa ser capaz e feliz.

Neste contexto o psicopedagogo pode exercer um importante papel na criação e no aperfeiçoamento de um clima favorável na relação com a família, a escola e os alunos. Sua intervenção pode ajudar a estabelecer uma relação rica e construtiva se encaminhada à participação ativa de todos e de cada um dos indivíduos envolvidos nas duas instituições.



### Referências Bibliográficas

- BASSEDAS, Eulália. **Intervenção Educativa e Diagnóstico Psicopedagógico**. Porto Alegre: Artmed, 1996.
- MONEREO, Carles; SOLE, Isabel. O assessoramento Psicopedagógico: Uma perspectiva profissional e construtiva. Porto Alegre: Artmed, 2000
- PAROLIN, Isabel. Família e Escola – **Instituições parceiras**. Temas em Educação II. Livro das jornadas. Futuro Congressos e Eventos. Paraná, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Pais educadores: é proibido proibir?** Porto Alegre: Mediação, 2003.
- POLITY, Elizabeth. **Dificuldades de Aprendizagem e família**: Construindo novas narrativas. São Paulo; Vetor, 2001
- \_\_\_\_\_. **Intervenções multidisciplinares na escola. Uma visão psicopedagógica**. Revista Psicopedagogia nº 65. 2004. p.135, 144.
- SANTOS, Julio César Furtado. **O Desafio de Promover Aprendizagem Significativa**. Temas em Educação III. Jornada 2004. Futuro Congressos e Eventos. São Paulo, 2004
- SISTO, Firmino Fernandes (org). **Dificuldades de Aprendizagem no contexto psicopedagógico**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- SMITH, Corinne; STRICK, Lisa. **Dificuldades de Aprendizagem e A a Z**. Um guia completo para pais e educadores. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- TALLEY, Yves de La. Limites. **Três dimensões educacionais**. São Paulo: Ática, 2000
- WEISS, Maria Lúcia L. **Psicopedagogia Clínica**: Uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

